



## APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

### Marx e Freud, a práxis da psicanálise e a política

Possible Approaches: Marx and Freud, the Praxis of Psychoanalysis and Politics

MAICO FERNANDO COSTA, GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO

Universidade Estadual de São Paulo, Brasil

---

#### KEY WORDS

*Approaches*  
*Marx*  
*Freud*  
*Lacan*

---

#### ABSTRACT

*The purpose of this article is a theoretical reflection, more than to approach the politics of Psychoanalysis, it is important to deal with the politics before which Psychoanalysis needs to position itself, which makes it essential, in our view, to go in search of the Marxian writings, aiming at approximations. In the exhibition that is presented, we define the concept of policy in the light of "The Eighteenth Brumaire of Louis Napoleon", of which Marx noted a specific reading on the story. However, we make use of the hypothesis sustained by Lacan that Marx "invented the symptom", that is, he was the first to denounce the despoliation of a jouissance.*

---

#### PALAVRAS-CHAVE

*Aproximações*  
*Marx*  
*Freud*  
*Lacan*

---

#### RESUMO

*O desígnio do presente artigo é uma reflexão teórica, mais do que abordar a política da Psicanálise importa tratar da política frente a qual a Psicanálise precisa se posicionar, o que torna imprescindível, ao nosso ver, ir em busca dos escritos marxianos, visando aproximações. Na exposição que se apresenta, definimos o conceito de política à luz de "O 18 de Brumário de Luís Bonaparte", do qual Marx assinalou uma leitura específica sobre a história. Todavia, lançamos mão da hipótese sustentada por Lacan de que Marx "inventara o sintoma", isto é, foi o primeiro a denunciar a espoliação de um gozo.*

Recebido: 06/04/2020

Aceito: 29/04/2020

## Introdução

Este trabalho é um excerto de nossa tese de doutoramento<sup>1</sup> que tem como objetivo expor as reflexões de um trabalhador-intercessor sobre possíveis aproximações entre a Psicanálise de Freud e Lacan e a Ciência da História em Marx. A pertinência da tese se dá pela exposição de uma possibilidade de ação-reflexão em um Hospital Geral, como superação dos processos de saúde-adoecimento-Atenção<sup>2</sup> que estão centrados no princípio dualista doença-cura, para além do convencional *setting* analítico. A experiência da escuta psicanalítica, *in lócus* e *in acto*, se deu em uma Santa Casa de Misericórdia, uma unidade de Saúde.

Porém, para o presente artigo o nosso desígnio é uma reflexão teórica, vamos nos deter no caráter revolucionário que há na Psicanálise, quando notamos nesta uma fértil homologia ética com a obra marxiana. Nos nossos termos e postura adotada diante dos sujeitos e das equipes, é importantíssimo delinear-mos, mesmo que de maneira breve nesta exposição, a necessária aproximação da Psicanálise a Marx. O que está em jogo nessa perspectiva é o posicionamento de uma escuta frente às influências do Modo Capitalista de Produção na política contemporânea. Encontramos a base argumentativa para o nosso problema, o que propomos, na própria obra freudiana e lacaniana, no transcorrer de alguns textos.

## Definição de política, repetição e história

Para definir o conceito de política escolhemos utilizar “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, obra em que Marx assinala uma leitura acerca da história, que tem como objeto o evento revolucionário de

<sup>1</sup> Este trabalho tem o apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Noção de saúde e adoecimento oriunda de Costa-Rosa (2013), psicanalista e analista institucional. Apreciador do movimento sanitarista brasileiro, propõe tal entendimento de saúde como circunscrita em torno de processos, partindo do pressuposto de que a saúde e a doença são produtos da organização da vida em sociedade. Portanto, ao falarmos de Atenção, enquanto conjunto de práticas para acolher as demandas da população em sofrimento, no seio dos dispositivos de Saúde Pública, necessariamente, entendemo-la articulada aos conceitos de saúde e doença.

1848 a 1851 ocorrido na França, pelo qual, à semelhança de seu tio Napoleão, Luís Bonaparte se declarou imperador. O grande destaque a obra, citado por Engels (Marx, 1852/2011), se dá pela astúcia de Marx ao notar que as lutas históricas ao redor do mundo vivenciadas pela humanidade nos âmbitos religiosos, filosóficos ou qualquer outro campo ideológico, são a expressão de lutas entre classes sociais.

Os conflitos entre as classes estariam condicionados pelo seu grau de desenvolvimento econômico e pelo seu modo de produção. Em especial, exemplificando a discussão com o contexto francês, Marx (1852/2011) denotou as formas utilizadas por Luís Bonaparte (aproveitando-se do que representava o seu tio Napoleão) e a burguesia, para cooptarem os camponeses e o proletariado por meio de promessas ou por meio da repressão, sob vestes de democracia, de igualdade e de fraternidade.

Segundo Marx (1852/2011) as revoluções proletárias do século XIX teriam sucumbido frente à classe dominante, por abrirem mão de seus ideais, em virtude de uma exaltação passiva do futuro e por interromperem continuamente a sua própria marcha. Ao recuperar Hegel, que em passagens de suas obras afirmou que os fatos históricos são encenados duas vezes, Marx complementou que a primeira vez era como tragédia e a segunda repetia-se como farsa.

A intenção nessa análise é dizer que os eventos se repetem ao longo da história de diferentes formas, porém, com um mesmo objetivo: a manutenção de uma classe no poder através de artifícios permeados por ideias, atos e jogos de “esperteza”, visando sempre subjugar e minar as forças do polo expropriado (dominado). Às táticas utilizadas pela classe dominante, para se manter no poder, nomeamos como política, que em Marx, não existe enquanto categoria senão no modo de produção do capital (Silva; Bertoldo, 2011). Para Marx (1867/2013), o sistema capitalista é prenhe em produzir relações sociais, a exploração do trabalho é escamoteada e o objeto mercadoria é elevado a posição de fetiche, este é deificado, coloca-se no comando em relação aos sujeitos, estes consomem-se consumindo (Braunstein, 2010).

Zizek (2011) fala sobre um novo espírito no consumo, chamado de “capitalismo cultural”, a

compra da mercadoria não pela utilidade mas pelo prazer e o sentido que ela te proporciona. A invenção publicitária de que podemos viver um capitalismo mais brando, ao olharmos para as satisfações que a mercadoria pode nos proporcionar. Perguntaríamos, não se compra mercadorias pelo prazer que ela proporciona? E desde quando a compra da mercadoria está restritamente relacionada a utilidade, tão somente? Sobre as formas amenas de expressão do capital, é inoportuno desconhecer que elas não deixam de estar ancoradas em seus mais sólidos preceitos: Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro, comprar para vender, explorar para produzir, fazer mais-valor, o dinheiro se transforma em mercadoria para depois esta ser transformada em dinheiro.

Conforme Zizek (2011), interpretando Marx para o contemporâneo, o capitalismo teria uma propriedade globalizada de se adequar a qualquer civilização. A maneira do que fizeram Luís Bonaparte e a República burguesa no século XIX, o filósofo enumera uma série de eventos ao redor do mundo nos últimos anos que apresentam o Modo Capitalista de Produção se expressando através de valores igualitários e ecológicos.

Para citar outras atualizações do capital envolta de “valores humanitários”, lembramos da crise mundial financeira de 2008 (seguindo as elaborações teóricas marxianas que elegem o Estado como um dos maiores representantes do capital), muitos países-Estado, dentre eles os Estados Unidos da América e a China, investiram bilhões em dinheiro nos seus bancos para que não viessem a falência. As atitudes de Barack Obama, quando presidente estadunidense, posicionando-se contra a política de Bush, porém, sendo a favor das guerras no Afeganistão, no Paquistão e contra processar aqueles que ordenaram torturas nessas guerras (Zizek, 2011).

Estas são contradições interessantes para analisarmos, de um lado, Estados-Nação, diante de crises econômicas, investindo em bancos ao invés de políticas públicas para a população, de outro lado, um presidente dito progressista, defendendo democracia e os direitos humanos, porém, sendo favorável a guerras e contra punições a torturadores de guerra. O capital, o

discurso capitalista (Lacan, 1969-1970/1992), tem a qualidade de ser produtor de laço social, isto é, como advertia Quinet (2003), é um laço louco, a sua política baseia-se no extermínio da diferença e na acumulação de riquezas nas mãos de poucas pessoas, em detrimento de uma grande maioria.

O caminho para um posicionamento da Psicanálise diante da política, e é desta forma que queremos abordar o assunto, requer o reconhecimento da tese sustentada por Lacan (1968-1969/2008a), de que Marx inventara o sintoma, foi o primeiro a denunciar a espoliação de um gozo.

Recorrerei a Marx, cujo dito tive muita dificuldade de não introduzir mais cedo, importunado que sou por ele há muito tempo, num campo em que, no entanto, ele fica perfeitamente em seu lugar. É de um nível homológico calcado em Marx que partirei para introduzir hoje o lugar em que temos de situar a função essencial do objeto *a* (Lacan, p.16).

Marx defini o capital por uma produção de valor que não entra na conta do sujeito, trabalhador, extraída (e para sempre perdida) deste ao vender a sua força de trabalho ao capitalista, dono dos meios de produção. Em Lacan, uma das definições do objeto *a* é construída em torno da noção de perda de gozo, resto de desejo especular, a causa de um desejo que em algum momento foi constitutivo e fundante da primordial imagem de si.

Reforça Lacan (1968-1969/2008b), lendo o sintoma a partir de Marx: a verdade no sistema é a absolutização do mercado, a metonímia do trabalho explorado, personificando-se no trabalhador que vende a sua força-de-trabalho ao patrão e fica somente com uma pequena parte do valor adquirido com a venda do produto que ele mesmo produziu.

Isto posto, Freud, ao tratar do caminho para a verdade que há nos conflitos psíquicos manifestados pelo sujeito em sofrimento, teria acompanhado Marx ao perceber que os lapsos, sintomas, sonhos e os chistes são uma distorção operada na psique, são formações substitutivas ante a impossibilidade da realização do desejo [sexual] (Rozitchner, 1989; Lacan, 1968-1969/2008a; Zizek, 2011). O enlace do modo de

produção da vida material e social com a constituição do sujeito, do aparelho psíquico, é oportuno para podermos investir na aposta de que estes planos de análise estão em continuidade, são diferentes lados de uma mesma banda.

No ano de 1921 Freud (1921/1996a) afirmara que toda psicologia individual é psicologia social. Apresentamos um prosseguimento desta assertiva em Lacan (1945/1998a), relendo-a, quando este declarou que o sujeito do individual não é outro senão o do coletivo. A pretensão não é compreender o sujeito através do coletivo, de outro modo, é escutarmos o coletivo por meio do sujeito. Pois, não será pelos significantes da cultura, deste Outro por onde se veicula as inscrições de cifragem de gozo e representação de desejo, que o sujeito constitui-se enquanto sujeito?

Destaca Lacan (1968-1969/2008a) que o que há de inaugural no discurso de Marx é a mais-valia, situarmos o trabalho no mercado, como capacidade de ser vendido, será neste entendimento que não podemos dizer que a renúncia ao gozo é nova. Portanto, a essência do discurso analítico, e isso podemos colocar também como uma novidade, se estamos numa leitura lacaniana, é evidenciar a existência de um discurso que articula a renúncia ao gozo expressando-se na função *mais-de-gozar*, renúncia esta que é efeito próprio do discurso.

No entanto, ainda assim poderia nos indagar um psicanalista mais reacionário ou desavisado: por quê estudarmos Marx para pensar a clínica psicanalítica? A isso, responderíamos com o próprio Lacan: “Substituí essa referência exaltante à energética por uma referência à economia política, a qual teríamos dificuldade de sugerir, nos tempos atuais, que é menos materialista” (1968-1969/2008b, p. 32). O reconhecimento de que as referências e configurações econômicas são mais viáveis para a análise dos movimentos do sujeito, em torno dos seus impasses e das respostas que o impelem a realidade, do que as provenientes da termodinâmica, oferecidas a Freud (Lacan, 1968-1969/2008a), faz jus a necessidade de nos colocarmos a altura da subjetividade de nossa época, paráfrase de um axioma lacaniano, para

podermos conseguir escutar este sujeito forjado na realidade capitalista (Lacan, 1966/1998b).

A proposição formulada nesse princípio é de que não haveria motivos para falarmos em sujeito, assim como o denominamos quando partimos do Estado capitalista, se o correlato (mais-valia) do mais-de-gozar captado por alguns não houvesse no mercado do Outro (Lacan, 1968-1969/2008a). Defendemos que uma das posturas políticas da Psicanálise é poder se dar conta da política ordenadora de ideais que se coloca como a única possível para se habitar o convívio e a produção de vida nas relações humanas.

### **A postura política da Psicanálise e a congruência ética com Marx**

Para o momento que nos oferece a cena política atual, mais do que falar da política da Psicanálise nos importa tratar da política frente a qual a Psicanálise precisa se posicionar, portanto, torna-se imprescindível ir em busca dos escritos marxianos, valendo-nos da Ciência da História. Lançamos mão da hipótese, seguindo Costa-Rosa (2015), que tem a sua leitura do ensino de Jacques Lacan, para sustentar a escuta precavida pela Psicanálise de Freud e Lacan e pelo complexo lógico-categorial<sup>3</sup>marxiano: de que a compreensão de sujeito e objeto na Psicanálise equivale à de Marx.

Há uma série de referências de Lacan à Marx, citamos algumas, a título de assinalarmos o quanto o psicanalista francês foi influenciado pelo pensamento marxiano. No seminário sobre a ética da Psicanálise, Lacan (1959-1960/1997) se refere a Marx, junto a Descartes, Kant, Hegel e Freud como aqueles que são insuperáveis, por terem assinalado uma verdadeira direção à pesquisa.

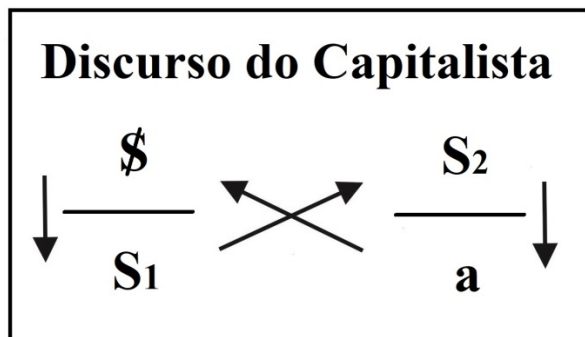
Mais adiante, no seminário chamado, por Jacques Allain-Miller, “de um Outro ao outro”, Lacan (1968-1969/2008) ressalta que a Psicanálise está na via aberta deixada pelo marxismo, por não desconhecer que o discurso está ligado aos interesses do sujeito, interesses que por excelência são inteiramente mercantis, sendo a mercadoria atrelada ao significante-

---

<sup>3</sup> Locução proposta por Peto (2018), para marcar a tentativa de nos manter sintônicos, de modo imanente, à obra de Marx.

mestre, ou seja, a mercadoria é um significante que representa o sujeito para outros significantes, pelos quais ele se constituiu em sua história.

Lacan não somente se declarava leitor de Marx, como também pontuava as consequências danosas do modo de produção capitalista (Lacan, 1969-1970/1992; 1972/1978; 2001/2003a; 2001/2003b). No seminário seguinte, “O avesso da Psicanálise”, apresentou-nos a inflexão ocorrida do discurso do mestre antigo para o discurso do mestre moderno, a corporificação capitalista deste discurso antes centrado na lógica do senhor e do escravo (Lacan, 1969-1970/1992). Numa entrevista dada a uma emissora de Televisão, depois publicada em formato de texto (Lacan, 2001/2003a), pôde nomear o Discurso do Capitalista, como o discurso que não faz laço social, o qual posteriormente numa conferência em Milão será grafado na forma de um matema (Lacan, 1972/1978).



Estamos com Lacan, ao assumir a grande contribuição que pode nos dar o pensamento marxiano para a clínica do sujeito do inconsciente, seja ela no consultório ou nas instituições em geral.

Em “Televisão”, Lacan (2001/2003a) afirma que a saída do discurso do capitalista não constituirá um progresso se isso for apenas para alguns. Cumpre notarmos desde sempre a importância da ciência da história para uma análise crítica aos acontecimentos que nos exigem um posicionamento. “Não vejo bem em que a referência estrutural desconheceria a dimensão da história. [...] A história, tal como é incluída no materialismo histórico, parece-me rigorosamente conforme às exigências

estruturais” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 36). O olhar para a história sob este prisma é um trabalho extremamente sofisticado, assim sendo, a sacada de Marx, como dito, foi enxergar na história, uma história de luta de classes.

Marx (1867/2013), disse que a propriedade privada capitalista surge como uma antítese da propriedade social coletiva. É o marco zero da assunção de um Modo de Produção que obriga o trabalhador, antes cultivador de suas terras e dono de seus meios de produção para a vida em comunidade, a ficar livre para ser explorado e ter o seu sangue extraído pelo capitalista, pelas mãos de uma sociedade mergulhada na produção desenfreada de mercadorias de consumo (Marx, 1844/2010).

Conforme Freud (1930[1929]/1996b), a cultura da sociedade civilizada e desenvolvida é responsável pelas nossas desgraças, na passagem da comunidade de condições primitivas, horda primeva, para a vida comunal civilizada, teria ocorrido um mal-estar que se instaurara, se intensificando, o sujeito foi obrigado a renunciar a satisfação sexual e por efeito houve a produção do sofrimento e do sentimento de culpa. Tal transição teria ocorrido sob dois fundamentos: a compulsão ao trabalho e o amor que reluta em se ver privado do objeto. Indicamos que a civilização mencionada por Freud é a sociedade do Modo Capitalista de Produção.

Notamos neste aspecto uma exaustiva análise do desenvolvimento civilizatório (traduzido pela editora Imago do alemão *Kultur*), hipóteses sobre as semelhanças constitutivas entre a constituição do aparelho psíquico e a constituição da sociedade, bem como, os possíveis efeitos da transformação da vida em sociedade na constituição psíquica da realidade. Embora no ensaio de Freud, e noutros de cunho mais sociológico em sua obra (Freud, 1921/1996a; 1930[1929]/1996b; 1933[1932]/1996c; 1908/1996d; 1913[1912-13]/1996e; 1927/1996f; 1939[1934-38]/1996g), não haja uma alusão direta ao Modo de Produção Capitalista, não possuímos razões para não sustentarmos que não seja deste tipo de organização societária que ele esteja falando. A referência ao capital não é clara, contudo, é notória a crítica tecida aos valores que erigiam a sociedade de sua época, à luz de Marx.

Interessantíssima a reflexão que faz o pai da Psicanálise: o amor e a compulsão ao trabalho como os dois fundamentos da civilização. O sujeito é exposto a um sofrimento extremo diante da rejeição pelo objeto, da sua infidelidade ou de sua morte, há uma relutância de sua parte ao se ver privado do objeto. A compulsão ao trabalho, enquanto o outro alicerce, é o que se produz a partir de uma necessidade externa ao sujeito. Para Freud (1930 [1929]/1996b), com as exigências da civilização o amor é colocado segundo os seus interesses, a vida sexual é restringida e há uma obediência às leis da necessidade econômica, fator este que influencia a quantidade remanescente de liberdade sexual.

Althusser (1985) afirmou que o objeto de Marx e Freud são o mesmo na medida em que ambos tratam de um conflito que é constitutivo, porém, essa igualdade cessa ao passo que Marx se detém a uma análise das Formações Sociais [capitalistas] e Freud a uma análise das Formações Inconscientes. Segundo Lacan (1968-1969/2008), antes de Marx e Freud a mais-valia e o sintoma existiam, porém, ainda não tinham sido nomeados. A originalidade de Marx e Freud se encontraria na definição que os autores conferem aos seus objetos, na marcação de seus limites e extensão, está na possibilidade de uma ética, de uma práxis, na construção de teorias. Outras que nos permitam atuar frente aos impasses que nos interpelam na realidade vivida (Althusser, 1985; Lacan, 1968-1969/2008).

Concordamos com Lacan (1959-1960/1997), em “O seminário, livro 7: a ética na Psicanálise”, quando o mesmo defende Freud ao dizer que o fato dele não ter se afeiçoado um progressista não colidia com adjetivá-lo de reacionário. Pelo contrário. De acordo com Slavutzky (1983), exemplificando com “O futuro de uma ilusão”, Freud (1927/1996f) postulou que todo ou qualquer governo que se coloque repressor e contrário aos interesses da maioria do povo merece que se rebelem contra ele.

Desta forma, fica difícil acreditar que a postura de Freud não tenha sido eticamente progressista, para um sujeito que ao longo da sua obra se declarou opositor ao antisemitismo (como judeu que era); crítico à patologização da homossexualidade (Jones, 1979), à subjugação da mulher como inferior ao homem (Freud,

1908/1996d), à cultura naturalista e segregatória (Freud, 1930[1929]/1996b). Em “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, Freud (1908/1996d) adverte que a experiência nos mostra a existência de um limite para a maioria das pessoas, para além do qual estas não conseguem atender às exigências da civilização. Os sujeitos desejariam ser mais nobres do que a sua constituição o permitiria e à vista disso são vitimados pela neurose, é certo que poderiam ser mais saudáveis se fossem menos bons.

Nas “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”, na *Conferência XXXV – a questão de uma WELTANSCHAUUNG*, Freud (1933[1932]/1996c) tece críticas a Marx, dizendo que as suas teorias parecem estranhas, assemelham-se a obscura filosofia hegeliana. Contudo, já no início dessa conferência o próprio Freud admite sentir um pesar pela insuficiência de suas informações, por não poder dizer se o que disse Marx é certo ou errado e que este não seria um assunto fácil, mesmo para aqueles mais instruídos do que ele. Entre críticas e análises acerca de Marx, Freud tergiversa, porém, confessa não estar seguro se está compreendendo de forma correta tais teorizações. E, em uma postura sem igual, de uma humildade invejável e que, ao nosso ver, assegura o seu *status* de gênio que foi e ainda o é em seus textos, Freud deixa claro não saber se pode se desembaraçar da sua opinião leiga em relação aos escritos de Marx. A despeito das críticas, o psicanalista vienense também enfatiza que as investigações de Marx são de inegável autoridade, assim como os seus pontos de vista sobre a estrutura econômica da sociedade e como esta tem influência em todos os setores da vida humana.

A afirmação ao término de “O Mal-estar na civilização”, de que não achava absurda a ideia de que a totalidade da humanidade tenha se tornado neurótica pela influência histórica de outras épocas, culturas e civilizações, enuncia-nos um [de tantos outros possíveis] diálogo íntimo da Psicanálise do campo de Freud e Lacan com Marx (Freud, 1930[1929]/1996b; Oliveira, 2005). Freud fez objeções às Éticas natural (a satisfação narcísica de um sujeito em desejar ser melhor do que o outro) e religiosa (a promessa

de vida após a morte), arrematando, que uma mudança real na relação dos sujeitos com a propriedade seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens éticas (1930[1929]/1996b). Não visamos colocar palavras na boca de Freud, entretanto, ao lê-lo com Marx, é o que por enquanto timidamente propomos, fica difícil não encontramos o caráter revolucionário que pode haver em sua obra.

### **Em conclusão: uma reflexão necessária para a práxis da Psicanálise nas instituições**

Encontramos um projeto ético similar, tanto em Marx quanto em Freud, evidentemente, já lido com Lacan, ambos abordam uma teoria histórica, uma ciência de história enquanto movimento, exibindo um vislumbre de futuro, de horizonte, como equacionamento da contradição [que se a]presente (Rozitchner, 1989). Há nas respectivas proposições éticas uma política com a *intensão* de suprasumir (e elevar a coisa a um outro estatuto, no sentido da dialética (Hegel, 1812/1993) as práticas hegemônicas, representantes do capital, no campo das Políticas Públicas.

Para esse modo de operar na práxis, nos termos que propõe Dionísio (2018), a respeito do que rigorosamente é a pesquisa em Psicanálise, não pretendemos propriamente reconhecê-la como um “método”, modo de trabalho em que o saber está dado *a priori*, vem antes da experiência, nos mesmos cânones da ciência positivista clássica: conhecer, pesquisar, investigar – distanciar a relação sujeito e objeto.

Visaríamos antes, transformar para conhecer. A materialização deste exercício reflexivo realizado se localiza na postura do trabalhador-intercessor, caracterização clínico-teórica criada por Costa-Rosa (2015). A escuta sensível de um trabalhador de envergadura transdisciplinar, em sua dimensão estética (Dionísio, 2010), ancorado em Marx e na Psicanálise de Freud e Lacan, é o ponto de partida *sine qua non* para uma práxis nas instituições, que visa interceder não somente junto aos sujeitos do inconsciente mas também na divisão social do trabalho.

### **Agradecimentos**

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agência de fomento à pesquisa que tem financiando meus projetos acadêmicos desde à Graduação, Mestrado e Doutorado.

*In memoriam:* Dedico a publicação do presente artigo ao psicanalista, meu antigo orientador de Iniciação Científica, Especialização, Mestrado e parte do Doutorado (até o seu falecimento), Abílio da Costa-Rosa. O texto que se apresenta, derivado das reflexões empreendidas até o momento para a Tese, foi inspirado nas ideias e supervisões prático-teóricas do professor Abílio, a quem tive e sempre terei como referência de postura ética na práxis da vida. O seu legado continua, por meio daqueles que indireta ou diretamente conseguiram ter a oportunidade de viver a sua transmissão, seja de Psicanálise (Freud e Lacan), Marx ou de Deleuze e Guattari.

## Referencias

- Althusser, L. (1985). Marx e Freud. In: Althusser, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica* (trad. Walter José Evangelista). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Braunstein, N. A. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2(1), jan./jun., 143–165. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12079/8752>. Acesso em: 11 de julho, 2018.
- Costa-Rosa, A. (2013). *Atenção psicossocial além da reforma psiquiátrica: contribuições a uma clínica crítica dos processos de subjetivação na saúde coletiva*. São Paulo: Unesp.
- (2015). *Por que a Atenção Psicossocial exige uma clínica fundada na Psicanálise do Campo Freud-Lacan?* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Assis. (Trabalho não publicado).
- Dionísio, G. H. (2010). *Pede-se abrir os olhos. Psicanálise e reflexão estética hoje*. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- (2018). Da pesquisa psicanalítica como estratégia do detalhe: ensaio sobre um “método”. In: Fulgencio, L.; Birman, J.; Kupermann, D.; Cunha, E. L. (Orgs.). *Modalidades de pesquisa em Psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni.
- Freud, S. (1996a). Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996b). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996c). Conferência XXXV: a questão de uma Weltanschauung. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996d). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996e). Totem e Tabu. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996f). O futuro de uma ilusão. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- (1996g). Moisés e o monoteísmo. In: Freud, S. *Obras completas* (trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago.
- Hegel, G. W. F. (1993). *Ciencia de la Logica*. 2 vol. (trad. de Augusta e Rodolfo Modolfo). Buenos Aires: Librarie Hachette.
- Jones, E. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1978). Du discours psychanalytique. In: *Lacan in Itália* (pp. 32-55). Milão: La Salamandra.
- (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise* (trad. de Ary Roitman, cons. Antônio Quinet). Rio de Janeiro: Zahar.
- (1997). *O seminário, livro 7: a ética na Psicanálise* (trad. de Antônio Quinet). Rio de Janeiro: Zahar.
- (1998a). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (1998b). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- (2003a). Televisão. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2003b) Radiofonia. In: Lacan, J. *Outros escritos* (trad. de Vera Ribeiro) (pp. 400-447). Rio de Janeiro: Zahar.
- (2008). *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2008a). Da mais-valia ao mais-de-gozar. In: Lacan, J. *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (pp. 11-28). Rio de Janeiro: Zahar.
- (2008b). Mercado do saber, greve da verdade. In: Lacan, J. *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (pp. 29-43). Rio de Janeiro: Zahar.
- Marx, K. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos* (trad. de Jesus Ranieri). São Paulo: Boitempo.
- (2011). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (trad. Nélío Schneider). São Paulo: Boitempo.



- (2013). *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital* (p. 305). São Paulo: Boitempo.
- Oliveira, C. (2005). Freud, Marx e a Weltanschauung. In: Bernardes, A. C. (Org.). *10 x Freud*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Peto, L. C. (2018). Elementos lógico-categoriais acerca do problema da corporeidade em uma perspectiva marxista. *Emancipação, Ponta Grossa*, 18(1): 153-164. Recuperado de <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/9519/209209210052>.
- Quinet, A. (2003). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rozitchner, L. (1989). *Freud e o problema do poder*. São Paulo: Escuta.
- Silva, M. F.; Bertoldo, E. (2011). O conceito de política em Marx: análise de obras de 1843 a 1871. *Revista eletrônica arma da crítica*, 3(3), pp. 135-156. Recuperado de <http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/8-%20o%20conceito%20de%20politica%20em%20marx%20analise%20de%20obras%20de%201843.pdf>
- Slavutzky, A. (1983). *Psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Zizek, S. (2011). *Primeiro como tragédia, depois como farsa* (trad. Maria Beatriz de Medina). São Paulo: Boitempo.